

A Formação e Atuação Musical de um Artista Independente

Rony Carlos de Araujo

Universidade Estadual de Maringá – UEM
ronyaraujogtr@gmail.com

Rafaela Inácio Benati

Universidade Estadual de Maringá – UEM
rafabenati@hotmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar a realidade de um artista independente da cidade de Maringá. Por meio de uma entrevista semiestruturada realizada com o músico multi-instrumentista Nicholas Emmanuel é possível conhecer um pouco mais do cenário musical independente. Esse artigo foi concebido a partir de uma proposta de atividade para a disciplina de Estudos Dirigidos em Educação Musical voltada ao curso de licenciatura em música na Universidade Estadual de Maringá sob a supervisão da Prof. Dr.^a Vania Malagutti Fialho Loth. O objetivo era pesquisar formas de empreendedorismo na música na cidade de Maringá. Foram entrevistados proprietários de bandas de bailes, escolas de música e também instituições sociais que fornecem aulas de música. O artista independente se insere nesta temática pois busca prover seu sustento de forma autônoma, buscando sempre formas de empreender e viver da arte. Através da pesquisa é possível conhecer também mais sobre sua formação musical e atuação profissional.

Palavras-chave: Atuação musical; Artista Independente; Formação Musical.

Introdução

Este artigo discute a formação e atuação musical de um artista independente. Neste artigo tomamos como artista independente o músico que busca manter-se na cena musical a partir de seus próprios esforços, sem estar vinculados a instituições ou demais profissionais. Neste caso, o próprio músico é também seu agente, seu empresário, produtor, divulgador, entre outros papéis.

A ideia deste artigo nasceu a partir de uma discussão a respeito de formas de empreendedorismo em música na cidade de Maringá em uma aula da disciplina de Estudos Dirigidos em Educação Musical. Esta disciplina é voltada ao 3º ano do Curso de

Licenciatura em Educação Musical da Universidade Estadual de Maringá. Os alunos se dividiram em duplas e foram orientados pela Prof. Dr.^a Vania Malagutti Fialho Loth a elaborar um roteiro de entrevista que abordasse o empreendedorismo na música na cidade de Maringá. Cada dupla deveria entrevistar pessoas ou instituições que tem como meio de subsistência a música e traçam estratégias para viver de forma digna por meio dessa arte. Alguns alunos fizeram suas entrevistas em instituições, bandas e também em escolas de música. A dupla formada por nós decidiu entrevistar um artista independente, um músico que opera de forma autônoma. Com isso foi possível se aprofundar mais sobre como é o cenário da música independente na cidade de Maringá.

Para discutir a formação e atuação musical do artista, desenvolvemos uma entrevista semiestruturada com Nicholas Emanuel. O entrevistado é um multi-instrumentista, produtor musical, professor de música e também atua como artista de rua. Nicholas toca em bandas na cidade de Maringá, e também atua como músico freelance.

Numa manhã de terça-feira Nicholas nos recebeu em sua casa para a realização da entrevista. O imóvel está localizado numa vizinhança tranquila. É espaçoso e possui um quintal grande. Nicholas divide essa casa com mais três amigos também músicos. O local é ponto de encontro de músicos amigos de Nicholas, que utilizam o local para tocar de Samba e MPB a “qualquer hora do dia ou da noite”.

A entrevista ocorreu num clima bem informal na cozinha da residência. Um amigo de Nicholas nos serviu um café e assim iniciamos a entrevista. Fizemos diversas perguntas ao entrevistado, o mesmo estava muito solícito e respondeu todas as perguntas sem nenhum tipo de hesitação. O objetivo era que o entrevistado falasse sobre sua carreira, sua formação musical e como consegue se manter através da música. A entrevista foi gravada para o uso posterior das falas do entrevistado.

Após a entrevista ser transcrita, os tópicos considerados de maior relevância foram utilizados para a elaboração deste artigo. Uma vez que o entrevistado se mostrou bem comunicativo no momento da entrevista, tínhamos um material bem extenso a disposição. Após houve a busca por autores e trabalhos que pudessem fundamentar este trabalho. Por fim foi feita a conclusão onde foram feitas reflexões acerca dos resultados obtidos.

O que se entende por artista independente ?

Diversos autores discorrem sobre essa temática. Vicente (2006) comenta o desenvolvimento da cena independente do Brasil. O autor faz um histórico da produção no país desde a década de 70 até a década de 90, onde o surgimento de novas tecnologias mudou a forma de atuação das grandes gravadoras, fazendo com que artistas renomados e artistas independentes buscassem formas autônomas de gerir suas carreiras. Jacques (2008), ao discorrer sobre a comunidade formada por bandas rock, também escreve sobre as características do artista independente.

As idéias de alternativo, independente e underground são fundamentais para a compreensão da forma de pensar música que configura a comunidade rock. Os três termos referem-se a bandas que se opõem ao mainstream, constituído por bandas vinculadas às grandes gravadoras (majors) e associadas à cultura apontada pelos músicos independentes e por autores que trabalham com música popular ou indústria fonográfica como estabelecida e convencional. As bandas do mainstream são acusadas por esses músicos e autores de sucumbirem à lógica comercial das majors e de serem musicalmente caracterizadas pelo processo de standardização. Já as independentes aparecem neste contexto como bandas com poucos recursos econômicos, fazendo música por prazer e não por dinheiro. Como não têm vínculos com as majors, contam apenas com sua iniciativa e recursos financeiros próprios para realizar shows e gravações. Elas passam freqüentemente por dificuldades para a concretização de seu trabalho e acabam vinculando-se às gravadoras também independentes (indies), supostamente regidas pela mesma lógica do prazer e do amor pela música em oposição à da comercialização das majors. (JACQUES, 2008, p. 02).

Formação Musical

A formação musical de artistas independentes está estreitamente relacionada com uma aprendizagem autodidata. Isto é, muitas vezes realizada de forma livre. Sem o auxílio de um professor de forma constante e sem a utilização de um método específico de ensino. Segundo o Marcondes (2017), professor do conservatório Conservatório Souza Lima

Parte da formação cultural, ética e comportamental ocorre através da observação. Todos nós aprendemos observando. Todos nós também aprendemos ouvindo. Ou seja, um autodidata em música

(MARCONDES, 2017).

Ainda segundo Marcondes (2017)

mesmo que nunca tenha estudado música formalmente, ou que perceba que está sendo musicalizado nessas ocasiões, o estudante saberá reconhecer uma estrutura musical, se diatônica, ou até atonal, claro, sem saber suas definições teóricas. O estudante do mundo irá compreender questões do ritmo, como pulsação e ostinato, sem saber o que as descreve (MARCONDES, 2017, p. 01).

Para Fernandes (2008) o músico autodidata é o que busca aprender música sozinho. Ou seja, o “sujeito que não necessitou de contato com livros de música ou intui os métodos de aprendizagem por si, com total liberdade e autonomia, para o desenvolvimento de sua técnica” (FERNANDES, 2008, p. 07).

A família e o meio social onde o músico está inserido também exercem papel importante na formação musical. Podemos observar isso no relato do entrevistado quanto o entrevistado fala como foi o início de sua formação musical.

Rafaela: Como que é sua carreira com a música ? Como você começou ?
Nicholas Emmanuel: Hum deixa eu ver... Eu não lembro. Eu comecei na quinta ou sexta série com 11 anos. É que assim, meu pai sempre ouviu muito samba. Por mais que eu não seja muito próximo dele assim educação musical é educação musical né ? E então eu sempre queria ser meio no ritmo aqui né (batidas). Aí beleza. Ai lembro que eu catei um violãozinho emprestado, comecei estudar pela internet, tirar umas músicas, eu era metaleiro né !! Aí eu tirava o riffzinho das músicas e tal ai eu comecei pegar gosto por ai sabe ? (EMMANUEL, 2018, p. 01).

Foi possível observar nesse trecho da entrevista que o entrevistado foi influenciado pelo meio social onde vive (família) a ter um interesse pela música. Grosman (2011) comenta a questão.

Não é desconhecido que as crianças pequenas aprendem não apenas através dos pais, mas também através da herança cultural do seu meio. Não é desconhecido também que as crianças estimuladas com elementos musicais em período anterior à linguagem verbal, e, dependendo do grau desse estímulo, podem despertar atração e desenvolvimento da musicalidade (GROSMAN, 2011, p. 73).

Nicholas Emmanuel relembra o fato de no início da sua formação tirar músicas de ouvido. Green (2001) Apud Rodrigues (2007) comenta a questão.

o termo “Tirar músicas de ouvido” significa a tentativa do aprendiz em reproduzir no violão/guitarra um determinado trecho musical utilizando da audição proveniente de uma fonte sonora gravada como, por exemplo, Cd’s, DVD’s e músicas no computador (Green, 2001 apud RODRIGUES, 2007, p. 84).

O ato de “ Tirar Música de Ouvido” é algo fundamental para a formação do músico. Segundo Gainza (1988, p.117, apud CIRINO, 2015, p.128) a “educação do ouvido” contribui para o desenvolvimento da mente musical, de acordo com o que o ouvido pode absorver da música.

Atuação Musical

Uma vez que o indivíduo aprende a tocar e ter domínio de um instrumento musical passa a procurar pessoas com interesses em comum para poder tocar junto. Muitos jovens no momento em que estão aprendendo um instrumento musical anseiam pelo momento de se apresentarem em público. O entrevistado comenta como surgiu seu interesse por formar uma banda e tocar ao vivo.

Nicholas Emmanuel: Eu acho que a primeira vez que eu toquei ao vivo foi em 2013, foi a primeira vez que eu toquei ao vivo. Eu fiz um show, toquei guitarra, eu sempre fui guitarrista, até um tempo atrás. Aí depois que eu toquei ao vivo eu falei: Ah é isso aí que eu quero. É isso mesmo que eu quero, aí fui atrás de fazer uma banda, já tive várias bandas. Aí teve uma que chama “ O mundo dos mentirosos”. Foi a primeira banda que rolou minha sabe ? (EMMANUEL, 2018, p. 01).

Muitas bandas surgem pela iniciativa de amigos com interesses em comum que gostam de tocar juntos. Isso ocorre muitas vezes de forma despreziosa, sem planos ou objetivos futuros. Martins comenta um pouco sobre isso.

Quase toda banda começa com um grupo de amigos que querem tirar umas músicas de bandas conhecidas, só para se divertir. Uma pequena parcela das bandas começa com um objetivo já definido e os membros se juntam não porque são amigos ou parentes, mas porque têm um foco e uma meta (MARTINS, 2004, p. 11).

Após um período inicial a maioria das bandas busca expandir seus horizontes, tocar cada vez mais viver da música. Isso exige dedicação e muito trabalho, porém nem todos os integrantes das bandas estão preparados para isso.

O grande problema na formação de uma banda com amigos é

que, depois de algum tempo, vocês vão querer começar a trabalhar mais sério, ganhar uma grana, gravar um CD e fazer shows, mas, para isto acontecer, serão necessários mais ensaios, dedicação e “trabalho”. E aí entra o velho dilema: nem todos gostam de trabalhar e para uma banda funcionar todos têm de trabalhar. Não precisa um ficar desesperado e fazer tudo, cada participante “deve” fazer a sua parte. E deve fazer “bem”. Lembre-se que quanto melhor a equipe, melhor o trabalho. Se alguém não faz a sua parte, o todo não funcionará direito (MARTINS, 2004, p.11).

É possível perceber que formar uma banda não é algo fácil, requer o empenho de todos os envolvidos. Isso faz com que muitas bandas acabem se desfazendo. Em uma banda os integrantes precisam ter o mesmo objetivo. Uma banda é um relacionamento entre pessoas como qualquer outro, com pessoas com diversas ideologias e formas de pensar.

Cenário Independente da cidade de Maringá

Depois da fase de ensaios e de criação de identidade uma banda independente busca por lugares onde possa se apresentar ao vivo. Quando encontram lugares para se apresentar nem sempre encontram uma estrutura adequada. Problemas como este são encontrados em todo Brasil. Jacques (2008) comenta as dificuldades encontradas pelas bandas independentes na cidade de Florianópolis.

A maior parte dos músicos de Florianópolis não percebe nela uma cena satisfatória, considerando-a mesmo um “vácuo” no universo do rock. As principais queixas que ouvi foram: a falta de lugares para tocar; a má vontade e a desonestidade dos donos de bar; a má sonorização dos bares, que sabotaria os músicos; o comodismo do público de rock, que não se deslocaria para freqüentar os shows; o mau gosto do público em geral, que preferiria ir a um show de cover de pop rock, ou de uma banda como Iriê ou Dazaranha, percebidas como mainstream da cidade; e a falta de união entre os músicos do rock independente (JACQUES, 2008, p. 03).

É possível ver que as bandas independentes enfrentam diversas dificuldades. Muitas vezes cabe as próprias bandas organizar e negociar apresentações, firmando acordos e dividindo lucros relativos a bilheteria e consumação com casas de shows. Nicholas Emmanuel comenta um pouco sobre isso.

Rafaela: Mas ai tem que tipo pagar ? Como é que é ?

Nicholas Emmanuel: Então tem que negociar. Em um bar local o dono é muito gente boa, ele deixa bem aberto, tipo assim .. Ah vocês que ficar só com a portaria ai vocês não precisam pagar bar ?

Vocês quer pagar tudo aí vocês fica responsável pelo bar ? É bem aberto a negociação sabe ? Mas assim esse bar e qualquer casa que você vai fazer show tá assim, apenas um foge isso. É engraçado se você for parar pra ver todo mundo se encaminhou pra isso assim, todas as casas, os bares, casa de shows encaminhou mesmo. Passou de você ser chamado pra tocar, quem tá fazendo o rolê ou o prometer te chamava pra tocar, pra você ir atrás tipo assim: “ Eu queria tocar aqui pra fazer um rolê, a banda sua e a sua”. E beleza, já deu uma mudançinha, você tinha que ir atrás, fazer a arte, tal tal tal. Agora tá totalmente a iniciativa da banda mesmo (EMMANUEL, 2018, p. 02).

No relato do entrevistado é possível observar que é importante uma banda saber negociar com casas de shows para realizarem apresentações. A autonomia para a realização de projetos é algo muito presente no cenário independente. Muitas vezes para a realização de eventos são firmadas parcerias entre casas de shows, bandas e profissionais. Vicari (2016) comenta iniciativas de bandas que se unem visando um benefício coletivo.

as bandas estão diversificando seus modos de apresentação. Estão optando por espetáculos em locais abertos, como festivais e feiras de parques, onde as pessoas conseguem desfrutar da música por estarem em um ambiente mais agradável. As próprias bandas, muitas vezes, se unem e organizam o evento, acreditando que, desse modo, é maior a receptividade, o engajamento do público e o tempo de apresentação, aumentando o número de bandas e o de pessoas que comparecem. (VICARI, 2016, p.01).

Os bares de música ao vivo são o palco das bandas independentes. Muitas vezes os valores pagos não são satisfatórios. São raros os proprietários que pagam um valor justo para as bandas. Muitas vezes a infraestrutura desses bares não é das melhores.

Nicholas Emmanuel: Muitos bares foram fechando aqui em Maringá com o tempo assim. Em 2014 tinha muito mais do que agora. Bar que eu digo, bar de levar músico pra tocar. O cachê foi diminuindo, ironicamente né, porque a inflação foi aumentando e o cachê foi diminuindo, as pessoas começaram a achar mais caro o mínimo valor pra ir ver. Antigamente R\$ 15,00 todo mundo pagava, entrava e via de boa. Hoje R\$ 5,00 o pessoal da uma reclamadinha ainda, que é aquela questão lá (EMMANUEL, 2018, p. 04).

Vicari (2016) ao ouvir bandas independentes constatou que reclamações quanto aos bares também são frequentes na cena independente de Porto Alegre.

Para receber shows ao vivo, um estabelecimento precisa arcar com muitos custos diferentes, em razão da quantidade de pessoas necessárias para o funcionamento razoável do local, desde o operador de som ao garçom. Desse modo, alguns preferem não executar

os pagamentos, ou deixam de investir em infraestrutura, por saberem que os grupos não conseguirão tocar em outro lugar. Eles tendem também a preferir bandas covers, com a justificativa de que o público é maior. As próprias bandas autorais recusam convites em casas que pedem que metade do show seja tributo a um artista (VICARI, 2016, p. 01).

Podemos observar que os donos de bares muitas vezes não pagam um valor significativo para as bandas. Mas casos raros de proprietários podem acontecer. Como um dono de bar que paga um valor justo e incentiva os músicos a valorizarem o próprio trabalho.

Nicholas Emmanuel: Até chegar nesse dono de bar, banda de quatro pessoas ele oferecia setessentão, pago pra vocês, pra valorizar não sei o que. Ele conversava, falava: Vocês tem que valorizar mesmo, não pode aceitar menos pa pa pa. O cara é muito firmeza, muito firmeza mesmo. Só que rolou o lance da crise, tá rolando, tá tendo e esse proprietário de bar está cada vez menos chamando a gente. Tá cada vez mais chamando só os amigos pra tocar, isso faz muito tempo já, faz muito tempo que não tava fazendo rolê nesse bar. Tá tendo muito pouco rolê, hoje, antigamente tinha sempre. Esse dono de bar é um exemplo de cara que sempre tentou ajudar a cena, sempre chamava, sempre fazia rolê, isso é muito massa, mas agora ele está querendo garantir o dele, com toda razão. Ele precisa sobreviver também (EMMANUEL, 2018, p. 05).

Conclusão

Por meio da entrevista realizada com o músico multi-instrumentista Nicholas Emmanuel, foi possível conhecer um pouco mais sobre o cenário de música independente na cidade de Maringá. Por meio do relato do mesmo foi possível conhecer como é a realidade de um músico atuante no cenário independente que busca sobreviver por meio da música.

Foi possível observar que a realidade do cenário de música independente é muito parecida em diversos lugares do país, as bandas enfrentam problemas como o baixo valor dos cachês, a falta de infraestrutura dos bares e a falta de incentivo do público. Tanto na entrevista realizada com Nicholas Emmanuel e em pesquisas posteriores, pude constatar que os músicos atuantes no cenário independente são adeptos da filosofia do “Faça você mesmo”. Por meio de esforços individuais e coletivos os músicos buscam formas de viver da música de forma autônoma.

Acredito que a Educação Musical deve cada vez mais buscar estudar as formas de aprendizado e prática musical de um músico independente. Estes músicos apresentam uma formação musical muito heterogênea (Enquanto alguns são autodidatas outros

tem formação superior em música). Isso pode se tornar um objeto de estudo na área da Educação Musical. Acredito que muitas descobertas podem ser realizadas através de pesquisas que busquem desvendar como o músico utiliza seus conhecimentos musicais na sua atuação musical. Vários autores analisam como se dá o aprendizado de música dentro da sala de aula, porém acredito que também seja importante analisar como o músico utiliza o conhecimento que foi aprendido em aula na sua atuação musical.

Referências

CIRINO, Andréa Cristina. Aprendizagem musical na maturidade: diálogo entre teoria e prática. *Per Musi*, Belo Horizonte, n.31, 2015, p.123-133.

EMMANUEL, Nicholas. *Entrevista realizada por Rony Carlos de Araujo e Rafaela Inácio Benati*. Maringá. 08 de maio de 2018.

FERNANDES, Fernando E. M. S. *O autodidata em Música*. 2008. Monografia (Licenciatura em Música), Centro de Letras e Artes, Instituto Villa-lobos, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

JACQUES, Tatyana de Alencar. *Bandas de Rock Independente: Redes Globais e Apropriações Locais*. *Enfoques*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2008.

MARCONDES, João. *Autodidata em música ?* Disponível em: <https://souzalima.com.br/blog/autodidata-em-musica>. Acesso em: 13/07/2018.

MARTINS, Marcelo. *Comunicação Subterrânea: Um guia para bandas independentes*. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004. 74p.

RODRIGUES, Fernando Macedo. *Tocar violão: Um estudo qualitativo sobre os processos de aprendizagem dos participantes do projeto Arena da Cultura*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

VICARI, Carolina. As dificuldades para as bandas independentes emergirem no cenário gaúcho. *Editorial J – Laboratório de Jornalismo Convergente do Curso de Jornalismo da Famecos/PUCRS*. Porto Alegre, 15 de Dezembro de 2016. Disponível em: < <http://www.editorialj.eusoufamecos.net/site/noticias/reflita/as-dificuldades-para-as-bandas-emergirem-no-cenario-gaucha/>>. Acesso em : 18 de Julho de 2018.

VICENTE, Eduardo. A vez dos independentes (?): um olhar sobre a produção musical independente do país”. *Revista E-Compós*, Brasília, v. 7, 2006